

ENTREVISTA/JÚLIO GAIGER

“Os índios entenderam meu gesto”

ELIANA LUCENA

— O sr. se incomodou com as críticas à sua atitude de se transformar em índio durante o Quarup?

— Houve um convite dos índios, quase um assédio, e eu aceitei de bom grado. Eles sentiram que eu não estava impondo limitação, pintaram meu rosto e ficaram à vontade para avançar ainda mais e chegaram a furar minha orelha.

— E doeu?

— Doeu, mas não foi nada insuportável. Agora vou manter esse pedaço de pau na orelha, para evitar que o buraco se feche e eu tenha que passar por uma nova furação.

— O sr. acha que sua atitude foi mal compreendida?

— Os jornalistas não entenderam o sentido do que estava acontecendo. Os índios ficaram empolgadíssimos. A minha atitude foi vista como um gesto de aproximação inédito. Um presidente da Funai que assume a feição indígena por inteiro, sem reserva, foi algo sensacional. À medida em que visitava outras aldeias pintado como índio, percebia os comentários. Os índios diziam que eu estava bonito e que aquele Quarup jamais seria esquecido.

— Os criadores do parque do Xingu, os irmãos Villas-Boas, não gostavam que visitantes se pintassem como índios. Chegaram a obrigar algumas pessoas a retirar a pintura.

— Acho que no tempo em que havia uma certa dúvida sobre o ponto em que o índio vira branco e o branco vira índio, havia esta preocupação de deixar os limites bem delineados. Quando me pintei, jamais pensei que os índios fossem encarar isso como uma tentativa minha de virar índio.

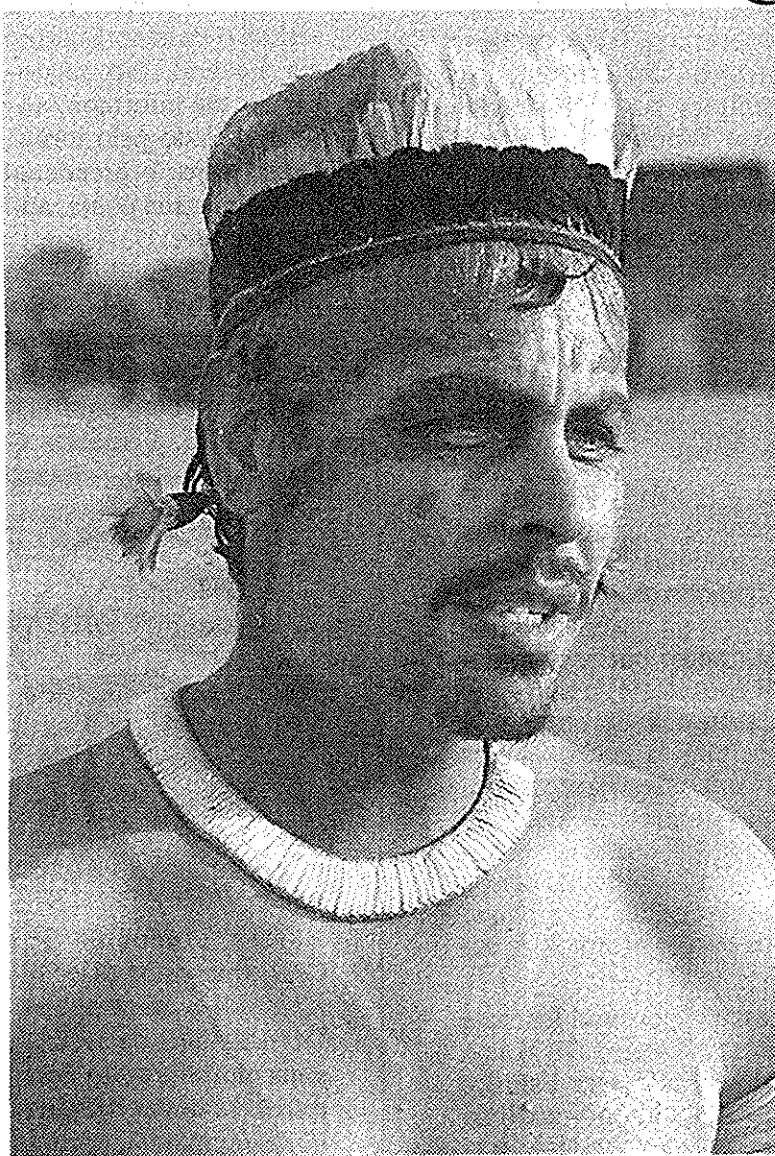
Depois de ter sido o centro das atenções durante a cerimônia do Quarup, no Parque do Xingu, o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger, desembarca amanhã em Londres com o rosto ainda pintado com tinta de jenipapo, que demora a sair da pele. Gaiger criou polêmica no sábado, ao receber o ministro da Justiça, Nelson Jobim, de sunga e com o corpo pintado. Contrariando a posição de muitos indigenistas, como os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas, que proibiam os visitantes do parque de se pintarem como os índios, o presidente da Funai ainda estava eufórico, ontem, com a experiência. Aos 38 anos, o gaúcho Júlio Gaiger chegou à Funai depois de um longo trabalho em defesa dos índios durante a Constituinte de 1987 e no Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Na Europa, vai enfrentar críticas ao decreto que permitiu a revisão de áreas indígenas.

— E a surpresa do ministro Nelson Jobim ao encontrar seu subordinado todo pintado?

— Acho que o ministro levou um tempo para digerir aquela novidade. Ele não estava preparado.

— O sr. já tinha se deixado pintar outras vezes?

— Quando estive no Capoto, área dos índios metutire, no Xingu, também fui pintado. Só que de lá saí de



Américo Martins — 1/9/96

grafado quando apareceu nu, de costas?

— Eu me expus propositalmente, porque senão teríamos que passar a noite acorados na lagoa, já que estávamos num local bem raso. Como eu já estava fantasiado, ou seja, a atitude do presidente seria encarada de forma mais natural, sugeri ao índio que estava conosco que nos antecipássemos na saída do banho para poupar os demais.

— Não constrange ao sr. desembarcar amanhã em Londres com o rosto ainda pintado de jenipapo?

— Não tem o menor problema. O hábito não veste o monge, mas vestir o hábito do monge pode ser uma homenagem a ele. Vou para a Europa tranquilo e levando fotos para mostrar que eu estava ainda mais paramentado no Xingu.

— Algumas pessoas acham que não fica bem a um presidente da Funai se deixar pintar pelas tribos que visita. O que o sr. acha?

— Essa proximidade física e afetiva é um contraveneno a qualquer possibilidade de abuso. Os índios pensarão mais de uma vez em tocar em quem lhes é tão próximo. O presidente anterior da Funai (Márcio Santilli), embora tenha uma luta em favor dos índios, não tinha esse nível de aproximação e foi exposto a um grande constrangimento (Santilli foi detido por índios xavantes em seu gabinete e levado para a garagem da Funai).

— A partir de agora o sr. não corre o risco de viver paramentado e pintado pelas tribos que costuma visitar?

— Sei que posso até acabar com um tempeté, que é o furo que os índios guaranis fazem no lábio, mas é um risco que eu corro de bom grado.

férias e deu tempo para a tinta sair. A mídia não me viu com o rosto pintado. Digo sem vaidade que na minha história com os índios sempre tive este tipo de relação humana.

— O sr. se irritou com o fato de os fotógrafos terem flagrado o sr. e o ministro tomando banho nus?

— Achei que estávamos num ambiente privado, nosso, para fazer-

mos a nossa higiene diária. E a imprensa não perdoou. Eu lamento. Acho que não precisavam ter invadido o local de banho de que se dispunha lá na área. É a mesma coisa que entrarem em nosso banheiro aqui na cidade. A diferença é que lá o acesso só é vedado pelo pudor das pessoas, e aqui, por portas que são trancadas a chave.

— O sr. sabia que estava sendo foto-